A REALIDADE INACESSÍVEL: ERICH AUERBACH LÊ *DOM QUIXOTE*[1]

INACCESSIBLE REALITY: ERICH AUERBACH READS DON QUIXOTE

Rodrigo Gomes de Araujo[2]

RESUMO: Neste ensaio, discuto a interpretação de *Dom Quixote*, realizada por Erich Auerbach. Destaco que, diferente do que propôs Auerbach, o romance de Cervantes possui uma abordagem que problematiza a conjuntura de sua época, o século XVII, período em que a ordem social europeia sofreu mudanças substanciais. E que essas alterações histórico-sociais fundamentam o romance, sendo a base da loucura de Dom Quixote. Assim, analiso a leitura de Auerbach e o romance de Cervantes como fenômenos estéticos e sociais historicamente datados.
Palavras-chave: História literária; *Mimesis*; Miguel de Cervantes.
ABSTRACT: In this essay, I discuss the interpretation of *Don Quixote* presented by Erich Auerbach. I emphasize that, different than proposed by Auerbach, Cervantes's novel has an approach that problematizes the conjuncture of his time, the 17th century, period in which the European social order underwent substantial changes. These social-historical changes underlie the novel, and are the basis of the *Don Quixote*'s madness. In this way, I analyze Auerbach's reading and Cervantes' novel as social phenomena and as aesthetic historically dated products.
Keywords: Literary history; *Mimesis*; Miguel de Cervantes.

1.

No seu clássico livro voltado a analisar "a representação da realidade na literatura ocidental" (AUERBACH, 2007), Erich Auerbach refere-se desta maneira à ficção espanhola e, sobretudo, à obra maior de Miguel de Cervantes:

---

[1] Agradeço a Marcella Lopes Guimarães, pela sugestão de publicação deste ensaio, cujos argumentos foram discutidos durante a disciplina *História, modernidade e pós-modernidade* ministrada por ela no primeiro semestre de 2012, na UFPR.
[2] Doutorando em História, UFPR.

> Entre os autores espanhóis do apogeu que conheço, Cervantes é certamente aquele cujas personagens mais podem chegar a apresentar uma certa problemática; mas basta comparar a doidice apenas errada, fácil de interpretar e, em última análise, curável de Dom Quixote com a insanidade fundamental, multívoca e incurável neste mundo de Hamlet para perceber a diferença. Uma vez que o padrão de vida é tão fixo e seguro, por mais coisas erradas que nele aconteçam, não se sente nas obras espanholas, apesar de todo o movimento colorido e vivaz, nada que possa ter sido como um movimento nas profundezas da vida, e menos ainda, alguma vontade de pesquisa fundamental ou de formulação prática (AUERBACH, 2007, p. 296-7).

Esse fragmento aparece mesmo antes do capítulo dedicado a Cervantes, como se a anunciá-lo. Mas não. Não se trata de um prenúncio. Logo no início do capítulo 14 de *Mimesis*, uma nota revela que o trecho dedicado a discutir *Dom Quixote* só foi incluído alguns anos depois da primeira edição do livro de Auerbach (AUERBACH, 2007, p. 299). A nota pode revelar mais que isto, pode levar a inferir que Auerbach considerava a obra de Cervantes menor que as outras discutidas ao longo do livro — pelo menos no que diz respeito a representar a realidade. Talvez este seja o motivo de sua inclusão posterior.

Ora, neste ensaio procurarei destacar que a representação da realidade em *Dom Quixote* é tão eficiente quanto é possível a uma obra literária, uma vez que traz a complexidade da época que apresenta.

2.

Auerbach utiliza em *Mimesis* uma poética recorrente para estruturar seus ensaios e apresenta, ao início de cada texto, um fragmento da obra a ser discutida. No caso do capítulo 14, em que o livro central é *Dom Quixote*, o crítico apropria-se de um trecho do capítulo 10 da segunda parte do romance de Cervantes (CERVANTES SAAVEDRA, 2003, p. 392-3).

Sancho Pança, que havia recebido a missão de levar uma mensagem à Dulcinéia, se vê diante de um dilema por não poder cumprir o que tinha prometido ao seu senhor Dom Quixote, pois Dulcinéia não passa de fruto da imaginação do Cavaleiro da Triste Figura. Sancho decide então fingir que partiu e esperar por tempo suficiente para fazer com que Dom Quixote acredite na veracidade da viagem. Ao ver aproximarem-se três lavradoras montadas em seus burricos, o escudeiro arquiteta um plano para se livrar da missão absurda que tinha recebido. O plano, porém, é ainda mais insano que sua missão. Sancho volta para junto de seu senhor e lhe diz que Dulcinéia vem em procissão acompanhada de duas damas ao seu encontro.

O diálogo entre os dois não poderia ser mais eloquente:

> — Que há de novo, Sancho amigo? Perguntou-lhe Dom Quixote assim que o viu. Poderei marcar este dia com pedra branca ou pedra negra?
> — Será melhor — respondeu Sancho — que Vossa Mercê o marque com almanaque, como letreiro de cátedras, para que o vejam bem os que o virem.
> — Então — redargüiu Dom Quixote — trazes boas notícias.
> — Tão boas — respondeu Sancho —, que não tem Vossa Mercê mais que fazer picar as esporas a Rocinante e sair à estrada para ver a Senhora Dulcinéia del Toboso, que com duas damas suas, vem ver Vossa Mercê.
> — Santo Deus! Que estás dizendo, Sancho? Não me enganes, nem queiras com falsos júbilos alegrar as minhas verdadeiras tristezas.
> — Que aproveitava eu em enganá-lo — tornou Sancho —, podendo Vossa Mercê tão depressa descobrir a verdade? Pique as esporas, e venha ver a princesa, nossa ama, que aí temos adornada e vestida como quem é. Ela e as suas damas todas são ouro, pérolas, diamantes, rubins, telas de brocado; os cabelos soltos nos ombros que parecem outros tantos raios de sol que andam brincando com o vento; e, sobretudo, vêm a cavalo as três cananéias que não se pode dizer coisa melhor.
> — "Hacanéias" é que tu queres dizer, Sancho.
> — Vem a dar na mesma; mas, seja lá como for, o que é certo é que vêm mais garbosas que se podem imaginar, principalmente a Princesa Dulcinéia, senhora minha, que arrebata os sentidos (CERVANTES SAAVEDRA, 2003, p. 391-2).

A descrição que Sancho faz das damas possui uma grandiloquência que somente a um personagem de romance de cavalaria seria possível. Na sequência dessa descrição vem o trecho selecionado por Auerbach: Dom Quixote se surpreende ao não

visualizar "ouro, pérolas, diamantes, rubins, telas de brocado" (CERVANTES SAAVEDRA, 2003, p. 392), mas sim três humildes aldeãs, e cheirando a alho. O Cavaleiro da Triste Figura tem de fato os sentidos arrebatados, como Sancho havia alertado, mas não pelo esplendor das damas, e sim pela dura realidade. São três lavradoras, nada mais. O impacto sentido por Dom Quixote é o choque da realidade. A primeira reação do cavaleiro é a incredulidade, mas logo interpreta a frustrante cena:

> A este tempo Dom Quixote se pusera de joelhos ao pé de Sancho, e mirava com olhos pasmados, e vista turva, aquela a quem Sancho dava o nome de rainha e senhora, e como não via senão uma moça aldeã, de cara larga e feia, estava suspenso, sem ousar descerrar os lábios. As outras lavradeiras tinham ficado *atônitas*, vendo aqueles dois homens tão diferentes, ambos de joelhos e sem deixarem passar a sua companheira: mas a suposta Dulcinéia quebrou o silêncio, dizendo com muito mal modo:
> — Tirem-se do caminho, senhores, e deixem-nos passar que vamos com pressa (CERVANTES SAAVEDRA, 2003, p. 392-3, grifos meus).

3.

Atônitos.

O adjetivo é perfeito para enquadrar a reação dos personagens na cena selecionada por Auerbach, com exceção de Sancho, o único que compreende toda a situação, pois foi ele próprio quem a criou. Dom Quixote fica atônito, está pasmo diante do show grotesco a sua frente. Nada mais é que a realidade. Entretanto, a realidade está inacessível ao cavaleiro. Somente consegue interpretar o evento diante dos seus olhos através da fantasia, e encontra a única explicação possível a um personagem tão livresco quanto é: está condenado por um encantamento a não ver a amada em todas as suas maravilhas. Dulcinéia, senhora de seus pensamentos, apresenta-se a ele como uma rude lavradora.

Também as aldeãs, ao depararem-se com a situação bizarra, ficam atônitas. Dessa vez são elas que não têm acesso à fantasia de Dom Quixote e entendem o evento como trote. Não perdem tempo, e logo deixam o cavaleiro e seu escudeiro para trás.

A cena é tragicômica, não podemos negar ser uma das passagens mais engraçadas e surpreendentes do romance, muito menos podemos deixar de lado o trágico desfecho emocional por que passa Dom Quixote. Após uma longa espera, Sancho o enche de expectativas de encontrar sua senhora, mas a aldeã acaba com todo o seu entusiasmo.

Porém, toda e qualquer tragédia é menosprezada por Auerbach ao referir-se ao romance de Cervantes. Para o crítico,

> Encontra-se, pois, muito pouco de problemático ou de trágico no livro de Cervantes — embora seja uma das obras-primas de uma época, durante a qual se formaram a problemática e a tragédia europeias. A doidice de Dom Quixote nada revela disto; o livro todo é um jogo, no qual a loucura torna-se ridícula quando exposta a uma realidade bem fundamentada (AUERBACH, 2007, p. 310).

Ora, é muito difícil deixar de considerar que, além de uma excelente comédia, *Dom Quixote* seja também uma tragédia. Seja no sentido aristotélico, do personagem que caminha inevitavelmente para a própria desgraça, para isso basta lembrar-se do desfecho do romance com Dom Quixote enfermo numa cama, o corpo desgastado e maltratado por suas andanças e desditas; seja no sentido em que o cavaleiro, embora passe por muita diversão, sofre inúmeras quedas, surras, pancadas, que são justamente o que aos poucos o afastam da cavalaria andante. É difícil concordar com Auerbach nessa colocação. A loucura de Dom Quixote não é fácil de interpretar como propõe o crítico, tampouco é um jogo, quem iria pagar com os sofrimentos da própria carne se não fosse plenamente louco? Em vários outros ensaios de *Mimesis*, Auerbach apresenta o mesmo menosprezo pelo humor, julgando que a realidade tratada de maneira *séria* é superior.

4.

Procurarei mostrar aqui que, além de conter diversos elementos trágicos, o romance de Cervantes traz em si a problemática de sua época, abordando-a de maneira bastante *séria*. Partirei de um fragmento da análise realizada pelo próprio Auerbach:

> Cervantes dá, nas primeiras frases do romance, algumas informações sobre a condição social do seu herói; dela pode-se deduzir, na melhor das hipóteses, que ela o oprimia, que não lhe oferecia possibilidade alguma para uma atividade efetiva que correspondesse às suas capacidades; estava como que paralisado pelas limitações que lhe eram impostas, por um lado, pela sua posição social, e por outro pela sua pobreza. Poder-se-ia, portanto, presumir que a decisão doida seria uma fuga de uma situação que se tornara insuportável, uma libertação violenta (AUERBACH, 2007, p. 311).

Auerbach observou com bastante perspicácia que era a condição de fidalgo decadente o motivo da angústia de Dom Quixote. Mas faltou ao crítico dar um passo a mais na interpretação. Escapou à leitura de Auerbach que a opressão sentida pelo Cavaleiro da Triste Figura não era exclusivamente sua, mas compartilhada por toda a camada social a que pertencia. O substantivo *fidalgo*, usado por Cervantes para enquadrar seu personagem no início do romance, indica justamente um estrato social que no início do século XVII, período de publicação de Dom Quixote, não possuía função na sociedade europeia. Há muito a nobreza havia se tornado uma classe ociosa, e a antiga tripartição social entre os *oratore*, *belatore* e *laboratore* — aqueles que oram, aqueles que lutam, e aqueles que trabalham — não se aplicava mais (Cf. DUBY, 1994). A Europa havia passado por um longo período de paz, sem quedas demográficas, e principalmente sem grandes conquistas territoriais internas.

A expansão comercial atingiu a América na passagem do século XV para o XVI, era neste continente que a partir daquele momento estavam as aventuras. Aos que

tinham a possibilidade de investir na empreitada de conquistar o Novo Mundo surgiu toda uma sorte de aventuras e glórias. Tratava-se de uma nova ordem social que começava a ser desenhada, com isso a função guerreira da nobreza foi abandonada, ou melhor, foi substituída pela função comercial de uma burguesia nascente. E, para aqueles que somente gozavam de títulos de nobreza, o mundo estava de fato em desordem e a eles restava apenas o ócio. Essa tensão está presente no romance de Cervantes desde a primeira página ao apresentar o entediado fidalgo Alonso Quijano:

> É, pois, de saber que este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano), se dava a ler livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto, que esqueceu quase de todo do exercício da caça, e até da administração dos seus bens; e tanto chegou a sua curiosidade e desatino neste ponto que vendeu muitos trechos de terra de semeadura para comprar livros de cavalarias que ler, com o que juntou em casa quantos pôde apanhar daquele gênero.
> [...]
> Com estas razões perdia o pobre cavaleiro o juízo, e desvelava-se por entendê-las, e desentranhar-lhes o sentido, que nem o próprio Aristóteles o lograria, ainda que só para isso ressuscitara (CERVANTES SAAVEDRA, 2003, p. 31-2).

No século de Dom Quixote há um Novo Mundo a ser conquistado, mas não para nosso fidalgo. Alonso Quijano permanece na Espanha, na tediosa La Mancha, tem poucos recursos e ócio de sobra. Refugia-se nos romances de cavalaria. Quijano pertence à outra época, é um nobre medieval anacrônico, cravado em pleno século XVII. Ao se dedicar com toda a vontade às narrativas livrescas dos romances de cavalaria encontra sua catarse, porém, perde o acesso à realidade.

5.

Mais adiante no romance de Cervantes, nos capítulos 25 e 26 da segunda parte, Dom Quixote depara-se com um espetáculo de marionetes. E ao ver a representação de um cavaleiro andante ser afugentada por uma horda de bonequinhos mouros "desembainhou a espada, num momento se aproximou do retábulo e, com acelerada e

nunca vista fúria, começou a descarregar cutiladas sobre a mourisca titereira, derribando uns, descabeçando outros, estropiando este, destroçando aquele" (CERVANTES SAAVEDRA, 2003, p. 469).

Novamente nessa cena, Dom Quixote se refugia em sua alucinação, tomando as marionetes pela realidade. Trata-se apenas de mais um exemplo, o romance está repleto de cenas como essa, moinhos tomados como gigantes, uma bacia por um elmo encantado, a lista poderia se estender muito mais. Como bem observou Gustavo Bernardo, em *Dom Quixote*, "A suspeita quanto à 'realidade da realidade', inerente a toda ficção, se revela o tema e o centro do romance de Miguel de Cervantes, exatamente por isso considerado em diferentes fóruns o melhor romance de todos os tempos" (BERNARDO, 2006, p. 11). Neste jogo de espelhos, realidade e ficção estão de tal forma imbricados que, na segunda parte do romance, conta-se que as primeiras aventuras do cavaleiro andante e seu escudeiro tornaram-se um romance apreciado por todos os cantos. A ficção dentro da ficção. Essa ficção, porém, tem suas bases solidamente formadas na reestruturação histórico-social pela qual passava a Europa no século XVII.

E se Auerbach considera que "há muito pouco de problemático" (AUERBACH, 2007, p. 310) em Dom Quixote, que sua loucura fica somente no campo da comédia, e que por isto as tensões sociais da época não estão presentes na obra, é porque não chegou a conhecer a força crítica da literatura de língua espanhola.

Auerbach descreve a literatura hispânica como

> extremamente colorida, poetizante e ilusionista; ilumina a realidade quotidiana com raios das formas cerimoniais da cortesia, com construções lingüísticas rebuscadas e preciosas, com o grande *pathos* dos ideais cavaleirescos e com toda a magia interior e exterior da devoção do Barroco e da Contra-Reforma; faz do mundo um teatro prodigioso. E dentro deste teatro prodigioso — e também isso é essencial para sua relação com o moderno realismo — reina porém, apesar dos elementos de aventura e milagre, uma ordem fixa; embora no mundo tudo seja sonho, nada é um enigma que exija ser decifrado; há paixões e conflitos, *mas não há problemas* (AUERBACH, 2007, p. 296).

Como não há problemas? Uma enorme problemática histórico-social é o que dá origem a insanidade de Dom Quixote — o ócio da nobreza que ficou deslocada no tempo ao adentrar o século XVII —, não fosse essa tensão o romance nem mesmo existiria.

Há que se concordar com Auerbach sobre o colorido e o fantasioso da literatura de língua espanhola, entretanto, diferente do que nos diz o crítico, são justamente estes elementos que a dotam de uma apurada crítica social. Na concepção de Auerbach o fantástico é indissociável da uma representação *séria* da realidade. Mas o crítico não chegou a conhecer o realismo mágico latino-americano, que começou a difundir-se mais efetivamente a partir da década de 1970, principalmente com o sucesso das obras do colombiano Gabriel García Márquez — vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1982.

6.

A tensão do ócio experimentado por Alonso Quijano, um ócio histórico-social, o faz resgatar a velha e enferrujada armadura do avô, montar em seu magérrimo pangaré, sair em busca de um escudeiro — Sancho — e de aventuras fantásticas. É neste mundo fantasioso que se torna Dom Quixote, o Cavaleiro da Triste Figura. Em suas andanças, passa a pagar com mazelas ao próprio corpo pela insanidade.

É assim que ao ser arrebatado pela realidade de uma tosca Dulcinéia cheirando a alho, justamente quando mais esperava que as fantasias o sufocassem em seu esplendor, Dom Quixote volta a fugir da realidade, inacessível para ele, e prefere acreditar em encantamentos.

Desse modo, não é possível concordar com Auerbach, quando esse declara: "[Em *Dom Quixote*,] O jogo não é, em momento algum, trágico [...], e nunca os problemas

humanos, quer os pessoais do indivíduo, quer os da sociedade, são postos diante dos nossos olhos de modo tal que tremamos ou sintamos compaixão; sempre ficamos no campo do divertimento" (AUERBACH, 2007, p. 313).

Para fazer justiça à obra maior de Cervantes é necessário reescrever essa passagem: Embora *Dom Quixote* pareça um jogo, e constantemente trágico, os problemas humanos, quer os pessoais, quer os da sociedade são postos diante dos nossos olhos de tal modo que trememos, sentimos compaixão, e ainda assim ficamos no campo do divertimento.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. *Mimesis:* a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BERNARDO, Gustavo. *Verdades quixotescas:* ensaios sobre a filosofia de Dom Quixote da Mancha. São Paulo: Annablume, 2006.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha.* São Paulo: Nova Cultural, 2003.

DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo.* 2 ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.